

fl

N.º 2359

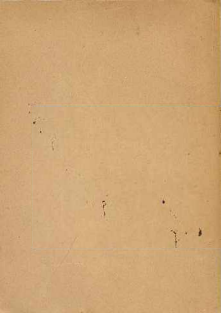
R.º 16384

Adosinda



Yama Reis

ADOSINDA



A

2359

ADOSINDA

ENSAIO DE OPERETA

EM DOIS QUADROS



POR

Antonio Francisco Barata

COMPRA

16 NOV 1945

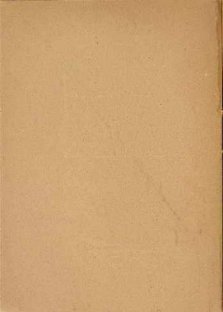
9-16.384

BARCELLOS
 Typographia da Aurora do Cavado
 Editor—R. V.
 1896

Guerra Civil
[Handwritten signature]

9-90

Guerra Civil
[Handwritten signature]



Antonio Francisco Barata, a quem me ligam estreitas relações de amizade, nunca desmentida e jámais ensombrada, desde os saudosos tempos de Coimbra, e portanto há bem mais de trinta annos, tem por vezes collaborado na *Aurora do Cavado*, modesto semanario que n'esta villa fundou

em 1867 um legendario creado (*) que das margens do Mondego tambem para aqui me acompanhara, semanario que, após a retirada d'elle de Barcellos, tenho mantido como uma recordação e ainda como motivo para com sua redacção feriar os trabalhos bem pesados e ingratos da advocacia; e n'ella tem Barata, entre outros escriptos de so-

(*) Manoel Guilherme de Azevedo se chamava elle (digo se chamava, pois ignoro se ainda existe), e no seu tempo de Coimbra ahi deu echo, como modelo de cosinheiros, um verdadeiro emulo de Vatel, pundooroso como elle e não pondo duvida, como o celebre director das cosinhas do principe de Condé, de suicidar-se com riscos de não ter uma M.^{ms} de Sevigné a immortalisal-o, se gallinha que elle desossasse e recheiasse de picado, especialidade em que era eminente, se não apresentasse na meza formosa e lepida, sem uma só incisão, digna de figurar nos banquetes de Lucullo, Crasso, Vitellio ou Trimalcião. Chamava-se o prototypo dos *Manfus*, como atraz o disse; Manoel Guilherme d'Azevedo, mas o nome por que geralmente conhecido na Academia, de quem muito festejado, era o de *Manoel Queixadas*, sob o qual eu procurei immortalisal-o nas minhas *Folhas ao Vento*, das quacs inteiramente perdida hoje a noticia, e no-

menos folego e momento, publicado alguns verdadeiramente notaveis, importantes e merecedores de toda a attenção e applauso, e taes *Os Infantes Portuguezes* e as *Viagens na minha livraria*, 1.^a e 2.^a partes.

Estes, á sua revelia, os fui eu fazendo imprimir em separado, só lhe dando d'isso conhecimento quando sua tiragem feita.

me por que celebrado era por muitos dos mais notaveis homens de letras da geração de 1859 a 1864, que frequentavam a republica da Couraça dos Apostolos, a mais numerosa de então entre os estudantes, que elle servia. Manoel Queixadas durante esse seu curso culinario em Coimbra por vezes poetara, saturado mais ou menos da atmospherá que respirava, mas em vez de ser isso motivo de atraçoar, como registrado fica, os deveres de sua divina arte, á guiza dos Brillat-Savarin, dos Dumas (Pae) e dos Mencelet, mais e melhor se acrisolava n'elles. Infelizmente vindo comigo de Coimbra, e obtida licença, tres annos depois, para fundar a *Aurora do Cavado* em typographia que eu por então comprára, entregue todo ás letras, foi descurando as panellas e o espeto, e nem litterato nem cozinheiro... Triste sorte das cousas humanas!...

O mesmo succede agora com a *Adosinda* por bem pouco salva das chammas, como se vê da «Advertencia» que se segue, e que bem direito tem a existencia mais longa do que a que lhe daria a *Aurora do Cavado*, testemunhando novo aspecto do variadissimo talento e aptidões litterarias do seu auctor, um notavel polygrapho.

Que Antonio Francisco Barata me perdôe esta como que nova inconfidencia...

Barcellos, dezembro de 1896.

Rodrigo Velloso

ADVERTENCIA

Trabalho de duas noites foi este, escripto haverá 14 ou 15 annos, com o fim de cinco pessoas de Evora exhibirem suas vozes ainda no antigo theatro da cidade. Legitimo *à propos* para o fim indicado, é um desalinho todo elle, uma precipitação de entrecho, um legitimo nada.

Para lhe pôr em musica as coplas tinha elle sido confiado ao desditoso compositor musico, Theodosio Augusto Ferreira, que não poude concluir a obra, porque a loucura, provocada de uma

mulher leviana, que com elle se devia esposar, se lhe apoderou do espirito e o arrastou para o Porto, onde finou seus dias no hospital de alienados.

Apparecido o original depois da morte do moço, estava para ser queimada agora; porém havendo 'nelie uma ou outra quadra, uma ou outra canção não de todo despecienda, se salvou das cinzas, e se publica, como uma de tantas banalidades que por ahi enchem os periodicos.

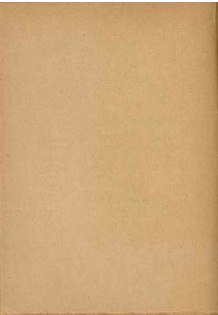
Evora, outubro de 1896.

A. F. B.

PERSONAGENS

Vasco Pires	Baixo	Velho guerreiro
Adosinda	Tiple	Filha d'aquelle
Gonçalo Esteves Carvoeiro	Baritono	Guerreiro, novo
Mendo da Maia	Tenor	Menestrel, novo
Gil Bigodes	Tenor com.º	Bobo, meia idade
Padre		Velho

A scena passa-se em Evora em casa de Vasco Pires e na Igreja de S. Vicente da mesma cidade, em 1340.



ACTO UNICO

1.º QUADRO

Representa o theatro uma sala antiga (seculo XIV) nos paços de Vasco Pires: portas ao fundo e á esquerda do espectador; janella á direita, olhando para a rua.

SCENA I.

Vasco Pires e Adosinda (*sentados junto a uma mesa*)

VASCO. Aqui tens, minha filha querida, 'nesta sala em que estamos, uma estranha manifestação de casos naturaes: duas estações que se não repellem, não obstante o serem tão oppostas.

ADOSINDA. Duas estações! A que alludis, senhor meu pae?

VASCO. A' primavera dos teus annos e ao inverno dos meus. (*tomando-lhe as mãos com muito amor*) Não é verdade que se não repellem?

ADOSINDA. Certo que não.

VASCO. E' o inverno da vida a recamar da morte, minha filha; um passo mais e adeus para sempre.

ADOSINDA. Não lembreis cousas tristes.

VASCO. Eu sou o fim e tu és o principio: eu vou sair da vida e tu vaes entrar n'ella. Sinto-me mui alquebrado dos golpes d'alma e dos que me vibraram nos combates. Não me pesa o partir; punge-me o deixar-te só, sem ninguem!.. Se eu te visse amparada de um braço varonil e esforçado, iria mais satisfeito para a eternidade.

ADOSINDA. Por Deus, senhor meu pae, deixai-vos de tristezas. Nem vós partireis tão asinha, nem o ceu me esquecerá. Terei a protecção e amparo d'elle, e...

VASCO. E se tu quizesse, se da tua vontade fôsse, como da minha, terias depois de mim, a companhia do esforçado Gonçalo Esteves. Por vida minha, que não vi nenhum mais esforçado no cerco de Arronches!

ADOSINDA. A primavera não se oppõe ao inverno: pertence-lhe como seus dias alcidos, com seus aromas de mocidade.

VASCO. Bem hajas tu, em assim fallar, filha do meu coração, que me enebrias com teus perfumes de obediencia e de amor. Mas, olha lá não tenhas tu preso o coração por algum sentimento. (*amoroso*) Na tua idade são tantos a prenderem donzellas!.. Pense, filha minha.

SCENA II

Os mesmos e Gil Bigodes

GIL. (*entrando apressado e cantando*)

Entrada pede
Vivo tição,
Que faz do imigo
Negro carvão;
Traz longa espada,
Traz murrião,
Traz soveiros
No seu braço,
E faz carvão,
E faz carvão.

VASCO.

(*Ducto*)
Volve mui prestes
Faz-o entrar,
Sem grande demora
Nem maltratar.

ADOSINDA.

Gonçalo Esteves !
Manda-o entrar,
Que venha embhora
Prazer nos dar.

GIL.

Para dar-lhe entrada
A correr já vou;
Que de peixe espada (*acciona*)
Amigo não sou. (*sae*)

SCENA III

Vasco, Adosinda e Gonçalo Esteves

GONÇALO.

Sálve, sálve, guerreiro esforçado
Nos combates aos filhos de Agar !
Sálve, sálve, christão denodado,
Sálve, pois, lidador exemplar !

Sálve, sim, destemido guerreiro,
Cujo rosto o heroismo traduz,
Combatente de Affonso terceiro,
Valoroso soldado da cruz !

Sálve, sálve formosa Adosinda
Casta filha de affectos e amor;
Sálve, sálve que és bella e mais linda
Do que o sol, do que o mar, do que a flor.

ADOSINDA.

(*Ducto*)

VASCO.

Obrigada, cavalleiro,
Vossas fallas bellas são;

Obrigado, meu guerreiro,
Dae-me cá a vossa mão.

(*Aperta a mão a Gonçalo Esteves e continúa*) A ponto chegastes, Gonçalo Esteves! Ora sabei que de vós fallava minha filha.

GONÇALO. De mim!

VASCO. De vós, sim, do esforçado e valentissimo defensor de Arronches. Demasiado conhecidos são vossos feitos de armas para não serem assumptos de bastas conversações.

GONÇALO. Feitos de armas! Bofé! que os não conheço como os vossos, senhor Vasco Pires!

VASCO. Lisongeador e galante! os meus sim! Eu nada obrei digno de menção. Vós, novo e valente, é que não somente já haveis nome de muito respeitar; mas em breve o ireis immortalisar combatendo a infieis.

ADOSINDA. Apontam-vos como o primeiro nos torneios. . .

GONÇALO. Apenas um imitador de vosso pae, formosa Adosinda, que foi o mais notavel campeador de el-rei D. Diniz, em que lhe pese.

VASCO. Sinto não poder seguir-vos, Gonçalo Esteves; sinto não poder ir ceifar larga messe de louros nas hostes mahometanas, como fez meu pae nos campos de Faro. Estou muito velho. Já sei que vos aprestaes para acompanhar el-rei á Hespanha.

GONÇALO. Ordenam-m'o el-rei e o meu dever: irei á frente de cem cavalleiros e-borenses, acompanhado de mil peões em auxilio do rei de Castella, cuja esposa ahi veio pedir ajuda e amparo ao pae. Isto sabeis, senhor Vasco Pires. Affonso undecimo não tem forças para combater ao poder de Ben Amori, que já lhê avasalha suas terras.

VASCO (*enthusiasmado*) Não topei occasião melhor na minha vida para exercicio do valor. Aproveitae-a vós. Ide e voltae honrado e laureado!

GONÇALO. Voltar!? Qual dos que vae pode dizer que ha de voltar?

VASCO. Digo eu que haveis de voltar; porque m'o presagia o coração, antegostando glorias. O que poderá succeder é não me topardes a mim, por ter eu partido para o outro mundo. Neste caso, Gonçalo Esteves, olhae-me cá por Adosinda: sêde seu irmão, se não poderdes ou não quizerdes ser mais do que irmão. (*com intenção*) Adosinda não vos quer mal, pois não?

ADOSINDA. Certo que não, senhor meu pae.

GONÇALO. (*amoroso*) Oh! obrigado, Adosinda!

VASCO. Vêdes? Não vol-o dizia eu?

GONÇALO. Sim, sim! Hei de ir e voltar. Já creio que voltarei. Já o quero! Obrigado, bella Adosinda, obrigado, senhor Vasco Pires! Sinto brotar-me do peito o mais santo e puro affecto, que pode produzir heroes nos combates. (*cantando*)

Já não temo das hostes imigas
O alfange, o feroz yatagan;
Já me guia uma estrella dos Magos,
Noite d'alma, já tenho manhã.

Inda ha pouco meus sonhos de gloria
Eram só triumphar ou morrer,
Hoje são de volver dos combates,
Hoje são de a teu lado viver.

De Granada e Tarifa mouriscas
Lá me chama o dever de christão;
Vou partir, vou deixar-te, donzella,
Vou levar-te no meu coração.

Adeus, pois, Adosinda formosa,
Adeus flôr, flôr de neve e carmim;
Se eu morrer nos combates infidos
Lembra, lembra-te, ó virgem, de mim.

Eu te juro na cruz d'esta espada
Não ser de outro meu peito fiel;
Jura, jura-me o mesmo, donzella,
E em penhor dá-me tu esse anel.

ADOSINDA.

Nunca fiz um juramento,
Tremo agora de o fazer;
Vosso é meu pensamento,
Vosso é até morrer.

Levae, sim, no vosso dedo
De nosso affecto o penhor;
Encerre elle este segredo
Do mais casto e puro amor.

(Dá-lhe o anel)

VASCO.

Parti, sim, nobre Gonçalo,
Ide os mouros combater;
(Dueto) E' sempre um fiel vassallo
Quem el-rei vae defender.

ADOSINDA.

Adeus, pois, caro Gonçalo,
Que lá vos chama o dever,
Ide montar a cavallo,
Ide a mourisça vencer.

m

CÔRO *(fóra)*

Viva, viva del-rei D. Affonso
O poder, e o estandarte real;
Rezem frades ao mouro um responso,
Que nós vamos honrar Portugal.

*(Gonçalo sae, e á porta do fundo en-
contra o bobo a quem dá uma pancada na
cabeça: pae e filha saem por outra porta)*

SCENA IV

Gil Bigodes só, e depois Adosinda

GIL.

Deu-me um có o Carvoeiro
Mui risonho, e a sorrir
Deu-me um có n'este sombreiro
Quando ia p'ra sahir.

O caso é grave!
E' talvez trave
Nos olhos meus;
Que argueiro não.
Adeus, adeus
O' meu tição
Do murrião
Faz lá carvão,
Faz lá carvão!

(*Fallando*) Pois que faça em carvão a mourisma inteira, o Carvoeiro, e que nos deixe cá em paz a nós. Em paz? Não, que na ledice delle ha cousa para meus reparos. (*Pensando*) Quererá o demo do Carvoeiro tambem fazer em carvão a minha senhora Adosinda? O senhor Vasco Pires engraça com elle... ella é incauta... Quiçá lograsse elle alguma promessa da donzella. Pois se tal succedeu é contar comigo, que não consinto em Matrimónios. Adosinda, branca de neve, emparelhada com um carvoeiro! Caso seria

para muito rir. Não quero! Vá lá enfaruscar mouras e fazel-as carvão, e deixen-nos aceiados e limpos. Para isso a criei eu de pequenina e diverti com meus ditos e truanices! Forte cegueira de meu Senhor! Há de ser de quem eu quizer aquella flor.

ADOSINDA (*que tem ouvido as ultimas fallas do bobo*)

Que dizes tu, Gil Bigodes,
Que dizes tu, Gil truão?
Tu não ~~sabes~~ sabes que não podes,
Dispôr do meu coração?

Só d'elle dispõe meu padre,
Só delle disponho eu;
Não te importem meus amores
Dispõe tu do que \dagger teu.

for

GIL. O homem não presta, não gosto d'elle... é Carvoeiro...

ADOSINDA. Mas gosto eu (*cantam*)

Dueto

ADOSINDA

Gonçalo Esteves
É' mocetão,
É' nos combates
Um valentão,
Dou-lhe esta mão,
É o coração,
É o coração!

GIL

Ai! não, não creio
Vossa affeição,
Branca Adosinda,
Flor em botão.
É' seu condão
Fazer carvão,
Fazer carvão!

ADOSINDA.

Que mal te fez o guerreiro,
Para tanto aborrecer?
Destemido cavalleiro,
Que ninguem poude vencer,
Ha de ser o meu esposo,
Hei de com elle viver.

GIL (*cantando*)

Dá-me sempre na monteira,
Piparotes a valer;
Nunca mexe na algibeira
Para bem me convencer;
E por isso, Adosinda,
Nunca vosso ha de ser. (*saé*)

SCENA V

Adosinda, Gil, Vasco e Mendo

ADOSINDA. (*toma e lê o Cancioneiro de
el-rei D. Diniz manuscripto*)

Provencaes soem mui bem de trobar
E dizem elles, que é com amor,
Mais os que trobam no tempo da flor
E nom em outro, sei eu bem que nom
Hão tan gran coita no seo coração
Qual m'eu por minha senhor vejo levar.

MENDO (*Na rua*)

Por montes, por valles, por vastas campinas
Meus dias discorrem cantando de amor,
Eu sou o Ashaverus das lendas pristinas,
Eu sou a palmeira, que nunca dá flor.

Eu sou como a gotta de orvalho perdida
Na arêa sedenta de immenso areal;
Não acho uma hervinha a quem possa dar vida
Não vejo uma flor a quem doa o meu mal.

Sou nuvem levada do sopro do vento,
Sou tenue, delgado, ligeiro vapor;
Sou iris presago, que dura um momento,
Sou penna caída das azas do amor.

Transpondo cidades, visito castellos,
Cantando na lyra famosas canções;
Não acho o ideal de meus sonhos mais bellos,
Ninguém me desperta d'amor sensações.

Dedilhe amores
Vosso nebel,
Dae vós favores
Ao menestrel.

ADOSINDA.

Que sons são estes que me traz a brisa,
Que tanto gratos a meu peito são ?
E' doce anhelo que gentil me avisa,
Não é toada de feral canção.

E' voz que ainda não ouviu minh'alma,
Que me treslouca e desvaira a mim;
E' voz que anceo em meu peito acalma,
Qual mais formosa nunca ouvira assim.

VASCO E GIL (*entrando*)

Que linda ballada, que doce harmonia.
Lá fóra descanta novel trovador ?
Dizei-lhe que suba, servi-lhe de guia,
Dizei-lhe que póde subir sem temor.

GIL.

Volvo saltando,
Volvo cantando,
Volvo bailando
Como um pião:
Este me agrada,
E não me enfada,
Não traz espada,
Nem faz carvão. (*sac*)

VASCO. Tempos ha que não nos apparecia por aqui nenhum menestrel, e contente me sinto ao receber o que ora cantou.

ADOSINDA. Lindas são as suas fallas e doce a sua voz.

VASCO. Dar-lhe-hemos bom gasalhado, filha minha, como é dever da fidalguia.

ADOSINDA. E haveis de lhe pedir que cante, sim ?

VASCO. Preciso não será, que seu mister é esse.

SCENA VI

Os mesmos o bobo e o menestrel

GIL,

Volto saltando,
Volto cantando,
Volto bailando
Como um pião;
Este me agrada,
E não me enfada,
Não traz espada,
Nem faz carvão.

MENDO.

Bem vindo eu seja, menestrel errante,
Aos nobres paços em que habita amor;
O amor ás armas que já foi brilhante,
O amor paterno a tão linda flor.

VASCO.

Narrae-nos façanhas
De Marte, narrae;
(dueto) Proesas estranhas
Na lyra cantae.

ADOSINDA.

Guerreiras campanhas
Na lyra cantae,
D'amores façanhas
Do peito soltae.

MENDO.

Nos combates, nas luctas ingentes
Bem se prova estremado valor,
Bem se prova quem são os valentes;
Mas eu vivo cantando de amor!

Batem rijo nos elmos espadas;
Só gemidos só, ais, só horror...
Só em flor muitas vidas cortadas...
Mas eu vivo cantando de amor!

Eu só vivo cantando a ~~belleza~~
Brandas auras, o aroma e a flor,
Eu só vivo cantando a lindesa,
Eu só vivo cantando de amor!

Eu só canto a mulher que for linda,
Eu só canto o carmin do pudor,
Só vos canto, a vós, Adosinda,
Que eu só vivo cantando de amor!

VASCO. Obrigado.

ADOSINDA (*amorosa*) Adulador...

MENDO. Ora vêde como me considereis, adulador! Quiçá seja adulação o bramir das vagas, o rugir das feras, o chilrear das aves? Não é: manifestações de verdades eternas, sim. Côro immenso, infinito mesmo, de notas de gratidão ao Creador, issó sim, bella Adosinda. E', pois, o que eu faço; digo-vos verdades, e agradeço a Deus o permittir que vol-as diga,

VASCO. Bem está. (*para Mendô*) Porém vós deveis tomar alguma refeição. Mas, dizei, não vos demoraes? Seguis vossa errante vida?

MENDO. Demorarei, se vos aprouver; e quanto ao seguimento da miuha vida errante, direi que sim, até que eu encontre no meu caminhar quem me tolha o prosequir.

ADOSINDA. Talvez appareça...

VASCO (*para Gil*) Prestes! expedo ordens para banquetearmos ao menestrel.

GIL (*saindo*)

Is' o agora é outro assumpto!
Já me agrada esta funcção!
Ha bons nacos de presunto,
E' por mim o escanção...

E eu engrajo co'o sugeito,
Não esté mais na miuha mão!
Canta cantigas com geito,
E não faz, não faz carvão. (*sae*)

SCENA VII

Os mesmos, menos Gil

VASCO. Em quanto se não apresta a mesa, dizei-me vós quem sois. O vosso porte e maneiras...

MENDO. Sim, direi por vez primeira no meu peregrinar amores. Nasci em Guimarães e sou descendente de Gonçalo Mendes da Maia. Eis toda minha historia.

VASCO. Descendente do Lidador! Oh! mais vos quero, mais vos estimo!

ADOSINDA (*com intenção*) Então deveis ser tambem valoroso, valente e destemido nos combates. . .

MENDO. Ainda o não sei; mas confesso-vos que se de Guimarães fossem combatentes em soccorro do hespanhol, como vão de Evora, certo que me estrearía na mourisma.

VASCO. Oh! Haveis de ser, haveis de ser bravo. Um descendente do Lidador! Dae-me vosso braço, e tu filha, dá-me o teu. (*saem*)

SCENA VIII

GIL (*olhando da porta do fundo para dentro*)

Esta agora é que eu não esperava,
Não, não, não!
Hei de inventar truánices,
Qual truão,
Para alegrar o poeta
Na funcção.

Mas quem é que pensa nisso?

Eu cá não!

Em quanto me não alegra

O escanção,

E não metta alguma cousa

No alcapão.

(aysonta a bocca)

Mas vou andando,

Vou-me chegando,

E preparando

Para comer;

Para dislates,

E disparates,

D'altos quilates

Logo dizer. (sae)

SCENA IX

Vasco, Adosinda e Mendo

VASCO. Sabei que estou mui contente
com vosco.

MENDO. Obrigado, senhor Vasco Pi-
res.

ADOSINDA. E eu muito agradada de
vossos meritos e prendas.

MENDO. Adosinda!

VASCO. Ficae vós aqui, que eu volto
breve. (sae)

SCENA X

Mendo e Adosinda

MENDO.

Alf~~em~~im correndo
Todo o paiz
Somente em Evora
Paragem fiz;
Só a teu lado,
Mimo de amor,
Achou descanso
O trovador.

ADOSINDA.

Aí! sim, poeta,
Minha afeição,
Meu coração
Já teu só é;
A minha dextra,
Minha ventura,
Minha candura,
Esp'rança e fé. (*abraçam-se*)

SCENA XI

Os mesmos e Vasco

Terceto

VASCO (*entrando*)

Oh! Deus que vejo!
Que vejo eu?

Esqueces, filha,
O dever teu?

ADOSINDA.

Oh! Deus que vejo!
O padre meu!
Não esquece a filha,
O dever seu.

MENDO.

Oh! Deus que vejo!
Que vejo eu!
Dae vossa filha
Ao hymeneu.

SCENA XII

Os mesmos e Gil, *(que vio o abraço)*

GIL.

Isto vae de foz em fora,
Isto vae de trambolhão;
Vem tu cá meu negro agora
Vem tu cá fazer carvão!
Tlão, tlão!
Tlim, tlim!
Assim,
Pois não,
Sim, sim!

(Fallando) In nomine Patris, Filii et Spiritus Sancti. Amen. *(Abençoa os amantes)*.

VASCO. Cal'te! Gil Bigodes, que as pagarás.

GIL. Senhor! Elles querem-se tanto! São tão amigos!... (*canta*)

O casamento
E a mortalha,
Bem no sabeis,
No ceu se talha;
Por isso a minha
Licença tem:
*Nomine spiritus
Sancti. Amen.* (abença)

MENDO. (*para Vasco*) Senhor Vasco Pires, sem rodeios e seusados vos peço a mão de vossa filha.

VASCO. Já está dada a um cavalleiro, como vós sois, que deve ir caminho de Granada com cem valentissimos cavalleiros d'esta cidade.

ADOSINDA. Porém, senhor meu padre, eu não...

VASCO (*interrompendo*) Vós promettes-te.

ADOSINDA. Mas não fiz juramentos...

GIL. Temos emburilhada...

MENDO. Cutro! O! maldição!

Quarteto

VASCO.

E' caso tratado
O sim já lhe dei,

A' minha palavra
Não, não faltarei.

ADOSINDA.

De ser meu amado
Esperança lhe dei;
Mas minha palavra
Não, não empenhei.

MENDO.

Nada está tratado,
Não, não, bem o sei;
Deu-me já palavra
Só d'ella serei.

GIL.

Ao demo o enfuscado
Mais a sua grei,
Que a minha palavra
A este só dei.

Fim do 1.º quadro.

QUADRO 2.º

Egreja de S. Vicente no estylo ogival: pequeno altar ao fundo, porta principal á direita e pequena porta ao canto d'esse lado, côro sobre a porta principal. Toque de orgão ao começar o quadro.

SCENA I

Vasco, Adosinda, Mendo e Gil Bigodes, (*entram pela porta principal: Adosinda e Mendo ajoelham no altar do fundo*)

CÔRO DE SOLDADOS (*fóra, depois de se ouvir uma trombeta*)

Da batalha immortal do Salado
Vencedores, alfim eis nos já:
Canta glorias d'Affonso o soldado,
São vencidos os filhos de Allah!

Viva, pois, nosso alferes valente,
Que levou o estandarte real,
Viva el-rei D. Affonso, potente,
Viva, sim, viva, pois, Portugal !

MENDO (*para Vasco*) Chegam as forças victoriosas dos mouros.

VASCO. Assim é, vão passando na rua; mas ide vós para o altar, que lá vem o sacerdote. (*Entra o padre pela porta estreita*) Ultimemos a cerimonia.

SCENA II

Os mesmos e Gonçalo Esteves Carvoeiro

GONÇALO (*Entra seguido de soldados, trazendo na mão o pendão das quinas, como outros trazem bandeiras tomadas aos mouros. Encara com Vasco e Adosinda vestida de noiva, conhece o fim e canta:*)

E' sonho ! é sonho ! illusão por certo !
Meu Deus que vejo ? Adosinda aqui ?
Vestes de noiva, este templo aberto . . .
Ai ! nos combates porque não morri ?

(*Mudando de tom*)

Ai ! de ti, desleal Adosinda !
Ai ! de ti, que me foste infiel !

Mas a tempo cheguei eu ainda
De punir a teu peito cruel.

Casar não has-de,
Tenho um penhor,
Tenho a promessa
Do teu amor.

ADOSINDA.

Promessas, não juramentos,
Foi somente o que vos fiz;
D'outro são meus sentimentos,
Deus ! Foi Deus que assim o quiz

MENDO.

Vêde bem, bravo guerreiro,
Juramentos não vos fez:
Que o brial de um cavalleiro
Se não manche d'esta vez !

GONÇALO.

Senhor Vasco Pires
Da traição fallac;
Desse peito mudo
Vossa voz soltae.

VASCO.

Não ha falta, nem fé quebrantada
De Adosinda no amor que vos deu;
Nem eu tenho a palavra empenhada
Nesse affecto que não era meu.

MENDO.

O seu peito ainda
Era como a flor,
A bella Adosinda
Não sentira amor;
Não sentira amor
Nem pura afeição,
Nem doce emoção,
Nem meigo calor;
Eu fui o agente,
Fui luz e calor,
Que a bella Adosinda
Chamei para amor!
Oh! dae que ella siga
O destino seu,
E que não maldiga
O vosso e o meu.

GONÇALO (*exasperado*)

Malção! malção lá da altura,
Malção desça já sobre mim!
Malção tolde a vossa ventura,
E a meus dias crueis ponha fim.

SACERDOTE (*recitativo*)

Não blasfeme o cavalleiro
'Nesta casa do Senhor,
Templo de Deus verdadeiro,
Onde só habita amor.

Gonçalo (*depois de pensar um instante*)

Seja assim, seja assim minha sorte
De vos ver nos destinos unir;

Sêde, vós, menestrel seu consorte,
Que a mim, pobre! só resta partir.

Não se diga, porém, que um soldado,
Defensor toda a vida da cruz,
Não perdoa aos contrários, honrado,
Como aos seus perdoára Jesus.

Feliz sejas, formosa Adosinda,
Mulher bella qual outra não vi;
De mim lembra-te, oh! lembra-te ainda,
Quando ouvires dizer que morri.

(Saem alguns soldados)

SCENA FINAL

Quinteto

VASCO.

Heroe no Salado,
Heroe n'esta acção,
Ser outro seu porte
Não podia, não.

ADOSINDA.

Porte de fidalgo
E nobre infanção,
Ser outro seu porte,
Não podia, não.

MENDO.

Não sendo soldado
Ganhei esta acção,
Ser outro meu porte
Não podia, não.

GONÇALO.

Eu não era amado
De seu coração;
Ser outro meu porte,
Não podia, não.

GIL.

Toma enfarruscado
Mais esta lição;
Ser outro meu porte
Não podia, não.

CÔRO FINAL DE GUERREIROS.

Armas vencem mouros,
Lyras, corações;
Nós, colhemos louros,
Ellas, afeições.

FIN



